

A Pesquisa em Comunicação na América Latina (Apontamentos de Sala de Aula)

Christa Berger
(FABICO- UFRGS)

Sem reivindicar uma teoria latino-americana da comunicação com estatuto epistemológico e teórico, reconhecemos, sim, um campo de estudo em torno da comunicação que foi adquirindo no transcorrer das últimas quatro décadas, contornos próprios, pelo modo como as teorias existentes foram sendo assimiladas e pela introdução de problemáticas típicas deste continente. É, portanto, possível contar a trajetória dos estudos latino-americanos, através da identificação dos centros de estudo que deram rumo à reflexão; pelos temas que obtiveram adesões significativas e pelos autores que mais produziram e marcaram a área, obtendo, assim, um mapa da pesquisa em comunicação na América Latina.

O que subjaz na produção teórica da comunicação na região são demandas econômicas ou políticas mais do que inquietações científicas, como aconteceu também com o desenvolvimento da Communication Research nos Estados Unidos e com a produção da Escola de Frankfurt na Alemanha. Neste sentido, a condição de dependência, como componente estrutural da sociedade latino-americana, geradora de uma cultura do silêncio e da submissão, mas, também, de denúncia e de luta, impregna a trajetória destes estudos.

Ao empreender a viagem de retorno ao nosso passado teórico buscando as pegadas deixadas pelos fundadores, observamos com Beltrán (1980) que desde a década de 30 encontram-se estudos sobre jornalismo vinculados a discussão sobre a liberdade de imprensa e legislação. O método historiográfico e bibliográfico prepondera e nada indica que um campo de estudo específico se faz necessário. É pela tradição de transpor e incorporar questões alheias que a influência norte-americana ingressa na América Latina trazendo junto com os temas, os métodos e as premissas das indagações, o Centro que irá oportunizar os primeiros estudos de comunicação na região. O Ciespal (Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina) criado em 1959, pela UNESCO, em Quito no Equador, oferecia cursos, realizava pesquisas e seminários, trazia pesquisadores norte-americanos conhecidos como Wilbur Schramm, Raymond Nixon, John McNelly, mas também franceses como Jacques Kayser e Joffre Dumazedier, marcando tanto os temas escolhidos - comunicação e modernização, rádio e tele-educação, liderança de opinião, como as metodologias - pesquisa quantitativa e análise de conteúdo, além da formação das primeiras gerações de pesquisadores em comunicação. A descrição predominou sobre a análise e ali foi desenvolvido o modelo difusionista, instrumental adotado para a comunicação rural em toda a América Latina, que originou a dicotomia comunicação ou extensão problematizada, posteriormente, por Paulo Freire no Chile.

Diz Beltrán: "As áreas que recebem influência mais direta da orientação norte-americana, são a difusão de inovações na agricultura, a estrutura e funções dos meios impressos e eletrônicos, as experiências de comunicação educativa, os programas especiais de educação rural." (1976)

Em um seminário na Costa Rica, em 1973, que marcou a produção teórica na região, pois foi o primeiro encontro entre os pesquisadores latino-americanos, o Ciespal foi avaliado, assim:

"Primeiro, que lhe falta um marco conceitual próprio; segundo, que a adoção se deu sem juízo crítico; terceiro, que lhe falta um mínimo de sistematização; quarto, que há uma ênfase exagerada no descritivo e quantitativo com exclusão de uma visão qualitativa profunda; quinto, que se prefere analisar os fenômenos de comunicação fora do contexto das variáveis políticas, sociais, econômicas e culturais; sexto, que há uma preferência por temas limitados de pesquisa e uma excessiva concentração em meios massivos e especialmente na imprensa; sétimo, há uma ausência total de políticas e planos para orientar a pesquisa em geral; ou seja, a pesquisa é acidental, não é racional; oitavo, há uma falta de coordenação que tem como resultado o desconhecimento, a duplicação de esforços, o desaproveitamento de experiências e a perda de sentido; e, em nono, que se trabalha, de preferência, de forma não interdisciplinar mas em enclausuramento de disciplinas." (Beltrán, 1981)

É a partir desta avaliação, extremamente crítica, que o Ciespal busca raízes na América Latina introduzindo em seus cursos a preocupação pela comunicação popular, pela pesquisa participante, substituindo os professores estrangeiros por argentinos (Daniel Prietto), chilenos (Eduardo Contreras), brasileiros (Luiz Gonzaga Mota), entre outros.

Na década de 60, a Venezuela vinha se sobressaindo na América Latina, por aliar as vantagens oferecidas pela indústria petrolífera e o desabrochar da democracia, sendo um dos primeiros países do mundo a ter televisão. A primeira na América Latina, apenas dois anos depois de seu surgimento nos Estados Unidos, ou seja em 1952 e, nos anos 60, com investimentos comerciais significativos. É também com a televisão que os investimentos norte-americanos se fazem presentes na Indústria Cultural, primeiro na Venezuela e depois com o mesmo modelo por toda a América Latina. É assim que em 1959, ao mesmo tempo em que o Ciespal é criado no Equador, surge o Instituto Venezuelano de Investigaciones de Prensa de la Universidad Central, cuja primeira pesquisa buscou saber Qué publicó la prensa venezolana durante la dictadura, comprovando a procedência oficial do noticiário. Este centro será a origem do ININCO (Instituto de Investigaciones de la Comunicación) fundado em 1973, que terá por objetivo: "a pesquisa da comunicação social ou de massas, que compreende tanto o estudo teórico e metodológico dos problemas da comunicação, como a análise permanente dos diferentes meios e de sua incidência no âmbito nacional." (Aguirre, 1981, 73) Antonio Pasquali será o nome mais importante do ININCO, mas na Venezuela se sobressaem também outros pesquisadores, como Marta Colomina, Hector Mújica, Eleazar Dias Rangel e Ludovico Silva.

Venezuela e Equador são as primeiras sedes das pesquisas em comunicação. Ciespal expandindo sua perspectiva desenvolvimentista por toda a região, Pasquali, como o pioneiro das pesquisas na Venezuela, preocupado com o significado das novas tecnologias incorporadas afoitamente nos diferentes países, aprofundando as raízes da dependência.

Com a vitória de Salvador Allende no Chile em 1970, é criado o CEREN, (Centro de Estudos da Realidade Nacional), por onde passam Armand e Michelle Mattelart. Este centro terá uma importância fundamental na região por apresentar pesquisas sobre o domínio das multinacionais na comunicação latino-americana, apresentando junto com a descrição da comunicação dependente, alternativas de produção crítica. Esta pesquisa inaugural do Chile do período de Salvador Allende, tem seqüência forte nos anos seguintes e desemboca, por fim, no ILET (Instituto Latinoamericano de Estudos Transnacionais), com sede no México, contando em seu conselho assessor com experts como Beltrán, Capriles, Hamelink, Mattelart, Pasquali e Schiller. O núcleo do centro era formado por exilados chilenos (Juan Somavia - seu diretor - e Fernando Reyes Mata), argentinos (Hector Schmucler e Mabel Piccini), e o peruano Rafael Roncagliolo.

Este quadro situa o início institucional da pesquisa na América Latina, que se organizou em torno dos Centros de Pesquisa:

CIESPAL - Quito (1 fase: 1959 - 1973) - divulgação do modelo norte-americano, extensionismo e inovações.

- (2 fase: 1973 -) referencial latino-americano. Diagnóstico e planejamento em comunicação.

Venezuela - (1 fase: 1959 - 1973) Instituto Venezuelano de Investigaciones de Prensa -

- (2 fase: 1973 -) Antonio Pasquali - pesquisa crítica

CEREN - Chile (1970 - 1973) - Armand e Michelle Mattelart - teoria da dependência

ILET - México - Juan Somavia, Reyes Mata - informação internacional e estrutura transnacional - livre fluxo de informação

O desenvolvimento da pesquisa nestes centros, permite observar algumas questões:

1 - É o funcionalismo, através do difusionismo e do extensionismo, que encontra abrigo no Ciespal inaugurando as preocupações com a comunicação na região;

2 - As rupturas com esta perspectiva ocorrem entre o final dos anos 60 e início dos anos 70 - propiciadas pelo encontro da Costa Rica - redirecionando o próprio Ciespal, e fortalecidas através do ININCO e CEREN;

3 - Comunicação é associada, no princípio, com a imprensa, tanto nos estudos pioneiros, como no Ciespal e no instituto que dá origem ao ININCO;

4 - Funcionalismo e marxismo disputam a abordagem da comunicação, mas, também, a sociologia e a semiótica reivindicam para si o problema. - Armand Mattelart e Eliseo Verón representam uma e outra perspectiva disciplinar.

É entre o final dos anos 60, início dos 70, que se inaugura uma reflexão efetivamente latino-americana sobre a comunicação, pois as condições estruturais do subdesenvolvimento são consideradas e incorporadas na análise dos meios. A marca da reflexão é o panorama político da região. E não era por acaso, pois na década de sessenta, como ensina Hobsbawm, (1995) o centro de gravidade do consenso que faz fluir a história girou para a esquerda. Se na Europa, o Maio de 68, aponta este giro, na América Latina, primeiro é para Cuba, depois para o Chile que os olhares se dirigem. Girar para a esquerda na América Latina significava dirigir-se ao socialismo.

O primeiro obstáculo à concretização do sonho socialista na América Latina foi a implantação de ditaduras militares no Cone Sul, interrompendo processos avançados

como no Chile ou em gestação como no Brasil, Argentina e Uruguai. E com elas a experiência da perseguição, da expulsão e da integração forçada pelo exílio, propiciando a criação de centros como o ILET, no México.

É neste contexto contraditório - de sonho e luta pelo socialismo e de intervenção militar e do capital norte-americano - que a Comunicação de Massa, como investimento econômico e projeto de dominação é introduzida no continente. Comunicação identificada com a televisão, (e esta com modernização) e com financiamento norte-americano (e este com desenvolvimentismo).

Sem relevância para ser estudada pelas Ciências Sociais, com pesquisas empíricas desenvolvidas para responder ao emergente mercado publicitário e com raras iniciativas nas Universidades, onde vigorava um enfoque funcionalista simplificado, uma outra comunicação brotava e pedia para ser estudada. A comunicação que conjuga preocupações políticas e culturais, revigora a perspectiva de esclarecimento dos intelectuais, introduzindo a problemática da Indústria Cultural na matriz do pensamento latino-americano, cuja orientação é o estudo da natureza e dos efeitos da dependência. Assim, também a pesquisa em comunicação adquiria contornos de denúncia e de proposições de ação política.

Autores de Referência ou Pais Fundadores

Numa enquete realizada por Gómez Palacios em 1992, (Fuentes Navarro, 1992) com 50 pesquisadores latino-americanos sobre as principais influências teóricas na região, o resultado confirma esta constatação. Em primeiro lugar estão os trabalhos de Armand Mattelart e seu grupo no Chile; em segundo Antonio Pasquali da Venezuela; em terceiro, Luis Ramiro Beltrán da Colombia; em quarto, Eliseo Verón, da Argentina e em quinto, Paulo Freire com seus trabalhos produzidos desde o Chile. Todos imbuídos de uma abordagem crítica da comunicação, vinculando-a à realidade de seus países e na perspectiva do continente unificado.

Não vamos discorrer exaustivamente sobre estes autores, apenas reconhecer na sua obra o ponto de confluência da reflexão sobre a Indústria Cultural e verificar o que, a despeito das diferenças, os identifica no quadro de uma proposta crítica e de um projeto de pesquisa comum, dando início a uma possibilidade de interpretação da comunicação no contexto da América Latina.

Armand Mattelart, participa desde o princípio do governo da Unidade Popular no Chile, coordenando o CEREN, onde a pedido do presidente Salvador Allende é realizada a primeira pesquisa sobre multinacionais, chamada Agressão desde o Espaço, que buscava identificar e compreender a campanha internacional contra o governo socialista realizada através da SIP (Sociedade Interamericana de Prensa), as agências internacionais de notícias e outras publicações. O Centro publicava uma revista tornando conhecido Mattelart que passou a refletir, sistematicamente, sobre a problemática da comunicação. Já na primeira edição, ele escrevia: *Prefiguración de la ideología burguesa*; e no segundo *Los medios de comunicación de masas: la ideología de la prensa liberal en Chile*. Muitos anos depois, falando sobre sua experiência no Chile, ele dizia: "Y es a partir de esa experiencia que aprendí una cosa esencial: que no hay una teoría de la comunicación sin una teoría de las clases sociales, sin una teoría del Estado, sin una teoría de las ideologías. Pero más aún: he llegado a la conclusión de que no habrá teoría crítica y práctica crítica

de la comunicación, si no empezamos a ligar el problema de la comunicación con el problema de la teoría del partido, con la teoría de la organización de masas."(1981,84)

Antonio Pasquali, professor de filosofia e ética da Universidad Central da Venezuela, participa da fundação da escola de jornalismo e, trabalhando com teorias audiovisuais escreve para a primeira antologia do curso - Os intelectuais e a linguagem audiovisual, iniciando ali, seu percurso de teórico da comunicação. Já no primeiro livro, Comunicación y Cultura de Masas (1963) dá início à análise dos mecanismos de dependência cultural que, anos mais tarde, retomará em Comprender la Comunicación, (1970) quando as relações entre comunicação e política estão mais entrelaçadas. Nesta obra, ele comenta sobre a importância da escola de Frankfurt, dizendo "Para quem se ocupa da fundamentação teórica das comunicações, Frankfurt é uma obrigatória estação de trânsito e reflexão. A seus principais autores devemos, saibamos ou não, quase todos os argumentos críticos que hoje passam por lugares comuns e um descobrimento destinado a marcar época: a de que a livre e competitiva Indústria Cultural (fórmula cunhada por eles) reproduz mutatis mutandis, os esquemas da manipulação autoritária teorizados e praticados por Goebbels." Pasquali considerava que a bibliografia frankfurteana era toda uma "mina ainda inexplorada" que agora estava ao alcance dos pesquisadores latino-americanos. Para Alicia Entel (1), Pasquali é um dos estudiosos da comunicação, deste período, mais influenciado pelos frankfurteanos, principalmente por Marcuse, tentando, inclusive, cruzar em seus estudos a teoria crítica com a teoria da dependência: "Por específicas e bem conhecidas razões, América Latina é hoje um dos principais cenários mundiais da dialética dependência-independência, o que a converte de fato em um dos mais importantes campos de confronto entre a razão instrumental, iluminista e de dominação, e a razão crítica, ética e libertadora." (citado por Entel, 1999)

Na sua obra, ele denuncia o movimento existente entre a estrutura transnacional de poder e a instalação da Indústria Cultural na América Latina e a concomitante necessidade de defesa da identidade cultural regional.

Em 1973 será criado o ININCO, onde, junto com Pasquali, o grupo de pesquisadores irá desenvolver, além de estudos teóricos, projetos de políticas de comunicação para a Venezuela, como é o proyecto Ratelve de radiodifusão, em que eram analisadas quatro possibilidades para implantar um sistema misto entre serviços privados e públicos.

O terceiro citado é Luis Ramiro Beltrán, cujo trabalho principal, é o livro Comunicación Dominada, apresentado pela editora Paz e Terra no Brasil como "inscrevendo-se no conjunto dos trabalhos pautados na busca incessante da identidade cultural..., procurando integrar o fenômeno da comunicação no conjunto das políticas de dominação econômica e política sem fugir ao domínio específico dos meios de comunicação como instrumentos de intervenção cultural". Na página 29, encontramos: "O imperialismo cultural através da comunicação não é um fenômeno ocasional e fortuito. Para os países "imperiais", trata-se de um processo vital destinado a assegurar e manter a dominação econômica e a hegemonia política sobre os demais. Este é, evidentemente, o caso das relações entre os Estados Unidos e a América Latina." A partir desta compreensão, busca identificar os mecanismos que transmitem a influência norte-americana: as agências internacionais de notícia e de publicidade, as firmas internacionais de opinião pública, as pesquisas de mercado e relações públicas, os exportadores de materiais de programação impressos, auditivos e audiovisuais, entre outros, dando como

exemplo, que no Chile de Allende "surpreendentemente" havia aumentado a importação de programas de TV norte-americanos.

A ironia do "surpreendentemente" fica por conta do investimento da burguesia chilena na aquisição da programação norte-americana com o objetivo de contrapor à produção realizada no governo de Allende e que começava a ser bem recebida. Beltrán irá produzir os primeiros balanços da área como Premisas, objetos y métodos foraneos en la Investigación sobre Comunicación en América Latina, com uma versão em 1976 e outra em 1978, e, Estado y perspectivas de la Investigación en Comunicación Social en America Latina, apresentado na Semana Internacional de Comunicação, em Bogotá, em 1980.

Na Argentina, Eliseo Verón, apresenta em um seminário de lingüística em 1967, um texto de análise da imprensa. O que ele faz ali é retirar a problemática ideológica do marco da sociologia do conhecimento trazendo-a para a análise da comunicação. É no Centro de Investigaciones Sociales del Instituto Torcuato di Tella, que Verón, Prieto e Masotta desenvolverão a preocupação pela interpretação ideológica dos meios e buscarão uma síntese teórica entre psicanálise, marxismo e lingüística estrutural, que encontrou uma ampla repercussão em toda a América Latina. A possibilidade de tornar aparente o que até então estava oculto, dá à pesquisa semiótica um caráter progressista e comprometido, principalmente, pela apropriação do conceito de ideologia. Para Verón, "a ideologia é o modo natural de existência da dimensão significativa dos sistemas de relações."(1968)

Mattelart e Verón, por caminhos diferentes, concordavam que o modo de produção é que determina a forma como o ideológico opera e que a análise devia buscar esclarecer o seu princípio organizativo. Concluía que o princípio organizativo era exatamente o que não podia aparecer, não era manifesto nem acessível à consciência das pessoas, e, muito menos às técnicas convencionais da análise de conteúdo. Duas revistas irão divulgar esta concepção: Comunicación y Cultura, da Universidade Católica do Chile e Lenguajes da Associação Argentina de Semiótica. Neste período as disciplinas ainda se posicionavam umas contra as outras e as duas revistas representavam esta oposição. Mattelart recorda: "Eu me lembro muito bem da polêmica entre as posturas de Verón versus Schmucler e Mattelart, ou de Comunicación y Cultura contra Lenguajes. Tínhamos, por um lado, uma visão inspirada na análise do discurso e por outro, uma visão inspirada na economia política. Na minha opinião foi um período histórico fecundo apesar das oposições que se refletiam em todas as partes, por exemplo, o campo da comunicação dominado pela economia política se constituiu contra ou em oposição à análise cultural e, uns e outros reprovavam tanto ser demasiado materialista como idealista."(1996,p17)

Paulo Freire é incluído entre os pesquisadores da comunicação, por um livro - Comunicação ou Extensão, escrito em 1968 no Chile. Sem tratar da comunicação massiva, este livro orientou muitas interpretações na área pois nele está contida a crítica principal aos meios de comunicação de massa: de serem meros instrumentos de transmissão, de tratarem os destinatários como receptores passivos e de impossibilitarem relações dialógicas.

Na maioria dos textos produzidos nesta girada à esquerda percebe-se que a pesquisa na perspectiva crítica confunde-se com o comprometimento político: era preciso denunciar o funcionalismo, a televisão comercial, os fluxos internacionais da notícia, as

histórias em quadrinho, as políticas de comunicação (ou a falta delas), as corporações multinacionais, a Indústria Cultural, a estrutura transnacional de informação, o cinema de Hollywood, a manipulação ideológica, a publicidade e as pesquisas de opinião, as novas tecnologias, a miséria da informação, o imperialismo cultural. Estas são as modalidades discursivas que (d)enunciam a Comunicação de Massa nos anos 60/70. O panorama resultante das pesquisas nesta perspectiva era sombrio: da economia política à semiologia; dos marxistas aos estruturalistas, da universidade aos centros de pesquisa, tudo desembocava na crítica aos meios - sua estrutura produtiva, sua programação, suas mensagens e sua recepção. A convergência da análise ideológica com a da teoria da dependência econômica tornava clara e concreta a complexa rede de dominação. E nisto todos estavam de acordo quando escreviam naquele tempo, tanto na teoria da comunicação como na literatura: os Estados Unidos eram os nossos inimigos e as palavras eram as nossas armas. Neste sentido, vale lembrar o livro *Bom Dia para os Defuntos*, do peruano Manuel Scorza, que descreve o conflito entre os moradores de um pequeno povoado e uma companhia de mineração norte-americana (Cerro de Pasco Corporation), entre 1950 e 1962.

O fato de o termo Indústria Cultural estar presente em todos os textos de comunicação da época não imprime unidade de análise aos autores nem os filia, automaticamente, à escola de Frankfurt que conceituou assim o fenômeno. Para alguns o termo permite a descrição do funcionamento da produção industrial da cultura. Para outros, a cultura se transforma em ideologia ao ser veiculada na Indústria Cultural. Para outros, ainda, é o caráter mercantil da cultura industrial que merece a designação.

Resumidamente, podemos dizer que a pesquisa que estamos analisando, concentrou-se em duas áreas temáticas:

1. Estudos da estrutura de poder dos meios de comunicação - transnacional e nacional- e as estratégias de dominação dos países capitalistas;
2. Estudos sobre as formações discursivas e as mensagens da cultura de massas desde suas estruturas de significação.

Os pesquisadores latino-americanos consideraram, em suas análises, a estrutura e a função mercantil dos meios bem como reconheceram na cultura expressão das contradições dominantes. Em ambos os casos - nos que acentuam a dependência cultural dos países latino-americanos e nos que buscam revelar os aspectos estruturais do discurso de massas na sua articulação com a ideologia dominante - se acumulou um considerável material empírico, portanto, de análises conjunturais, mas, estas, destacaram mais a unidade global da dominação, enfatizando a homogeneidade das formas de poder do que as especificidades que o material empírico podia fornecer, favorecendo as interpretações generalistas.

São exemplares destas duas perspectivas os livros *Para ler o Pato Donald* de Armand Mattelart e Ariel Dorfman e *O Império Norte-Americano das Comunicações* de Herbert Schiller. É exemplar também que as duas obras que cristalizaram a posição crítica na América Latina tenham sido escritas por estrangeiros: Mattelart é belga e Schiller é norte-americano.

Mattelart conta como surgiu o livro: "Devido ao estatuto de garantias constitucionais que Allende havia assinado com a democracia cristã e devido ao contrato da editora do Estado, os trabalhadores da UP que trabalhavam ali deviam seguir produzindo os materiais do inimigo: deviam publicar as tiras cômicas de Walt Disney e

outros produtos que se produziam ali anteriormente. E se realizamos este estudo sobre um dos mais produtos mais famosos de Disney não foi porque estivéssemos obssecados por ele, mas porque o considerávamos um símbolo de toda a ofensiva ideológica cotidiana do imperialismo contra o Chile e todos os povos oprimidos. Assim, esta pesquisa se realizou a partir de uma discussão que tivemos com os trabalhadores, sobre o fato de que eles deviam seguir publicando materiais que iam em contra de sua consciência política. Uma vez realizado, este estudo foi utilizado como mais um material para discussões em grupos sobre o que significava a ideologia do imperialismo e sua penetração através de meios tão "inocentes". (1981,19) Em uma entrevista para Causas y Azares, o autor diz que este livro teve o privilégio de ser censurado nos Estados Unidos e que nele já estava interiorizado o problema da recepção. O livro foi transformado em um clássico e um dos livros mais vendidos na América Latina: foram 30 edições em espanhol e 15 em línguas estrangeiras, totalizando 1 milhão de exemplares.

Na mesma perspectiva saía na Argentina um livro representativo desta inquietação: Neoliberalismo y Comunicación de Masa de Heriberto Muraro. (1974) Sua característica principal é a descrição minuciosa das formas de propriedade dos meios incluídos num sistema macroeconômico, analisado com referências a Barán, Sweezy e Celso Furtado. Mas também com referências em Adorno e Horkheimer para adentrar na análise ideológica. Há um capítulo do livro dedicado a teoria da manipulação comunicacional em que o autor revisa as teses de Marcuse e expressa a preocupação pelas possibilidades de manipulação das opções políticas. Da Argentina, ainda que Verón tenha sido o autor mais influente, a perspectiva da análise econômica/política teve impacto e seguidores, com obras como La dominación imperialista en la Argentina de Carlos Vilas y Dependência y empresas multinacionales de Salvador Lozada. A cultura política relacionada aos meios de comunicação, passou, também, pela reflexão de Schmucler, Landi e Ford.

Retornando, outra vez, aos autores citados como referência e que estamos considerando como a geração que desde a comunicação, pensou a América Latina ou desde a América Latina compreendeu o processo de comunicação massiva, observamos que todos tiveram a preocupação por explicar o desenvolvimento cultural na relação com o desenvolvimento do capitalismo - neste caso da Indústria Cultural latino-americana com o imperialismo norte-americano, destacando-se, neste contexto teórico o conceito de ideologia, tanto pelos analistas da estrutura de poder como pelos analistas do discurso. Com as análises conjunturais pensavam dar sequência ao pensamento marxista, pois preenchiam de conteúdo empírico as reflexões propositivas iniciais.

Ludovico Silva em Teoría y Práctica de la Ideología é exemplar para demonstrar os caminhos da reflexão proposta: "Como puede estudiarse la ideología que se difunde en el subdesarrollo, la ideología subdesarrollante, aislada del subdesarrollo? Aislar la televisión de su contexto - el subdesarrollo - es practicar el mismo absurdo teórico, entre otras razones porque la televisión, junto con los otros medios masivos, constituye la más genuina expresión ideológica del subdesarrollo.(1971,188)

Se bem a reflexão dos anos 70 não se filia automaticamente à Escola de Frankfurt, tomando-a mais como inspiração do que como método, são estes textos e autores que atualizam a teoria crítica no que ela oferece de possibilidades, em primeiro lugar, de pensar a comunicação com as teorias da sociedade, (ora, com mais ênfase nos aspectos

econômicos; ora, com mais ênfase nos aspectos políticos), mas, sempre, com o tom de perplexidade na busca por decifrar as relações culturais existentes no capitalismo.

Com o contexto favorável à crítica e com a pressa que estes contextos pedem respostas, os estudiosos tomaram a comunicação como fenômeno evidente para demonstrar suas hipóteses teóricas e provar seu ponto de vista político. Mas, esta posição, pela repetição, pela simplificação e pelo mecanicismo da abordagem esgotou-se: foi quando denunciar já não bastava - nem na política, nem na teoria. Foi quando, também, se confundiu a teoria crítica da escola de Frankfurt com as apropriações ligeiras e se passou a criticar indistintamente uma e outras. Entre as inúmeras apreciações e balanços da época se destaca a revisão sistemática realizada por Jesus Martin Barbero, primeiro, apontando as dificuldades do pensamento crítico romper com o funcionalismo:

"A pesquisa crítica em ciências sociais e particularmente no que se refere à comunicação de massa, foi definida quase sempre na América Latina por sua ruptura com o funcionalismo. Mas talvez essa ruptura tenha sido mais afetiva que efetiva. Ao funcionalismo se o desqualifica "em teoria", mas segue-se trabalhando a partir dele na prática. Frequentemente rompeu-se somente com seu jargão, mas não com a racionalidade que o sustenta. E assim seguimos presos em seu esquema ... o instrumentalismo funcionalista, por mais que se revista da terminologia marxista, não pode romper com o verticalismo e a unidirecionalidade do processo comunicativo, pois alimenta-se disso...Porque o que o modelo funcionalista impede pensar é a história e a dominação, precisamente o que ele racionaliza, isto é, oculta e justifica."(1980,102)

A terceira geração aponta alternativas

Naquele período, os anos 70, na busca por sair do impasse da crítica que falava para si mesma e acompanhando as circunstâncias históricas, dois caminhos se apresentaram aos estudiosos da comunicação:

Por uma trilha, os pesquisadores da comunicação desembarcaram na Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação, proposta pela Unesco em 1977 que produziu o relatório denominado Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação - NOMIC - onde aflora uma América Latina, pensada desde o Estado - altiva, solidária, esperançosa de reverter o processo em curso, para descolonizar a informação e retirar o entretenimento do limbo da alienação. Com dois latino-americanos na comissão, (Gabriel Garcia Márquez da Colômbia e Juan Somavia do Chile) entre os 16 membros, o documento final de 500 páginas previa fontes de informação alternativas para cobrir os acontecimentos: o fluxo podia correr nossos países através do nosso olhar - subdesenvolvidos, mas em processo de libertação. A democratização da informação acompanharia o ressurgimento da democracia política e o desenvolvimento de projetos econômicos nacionais na região. A América Latina aparece vitoriosa nos textos de proposição das Políticas de Comunicação para os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. A cultura latino-americana se insurgiria contra a dominação cultural estrangeira, lutando contra a desigualdade nos fóruns internacionais propostos pelos dominantes. (2)

O ILET no México se aproxima e representa esta perspectiva, enfatizando o conceito de dependência, analisa o fenômeno da dominação através da estrutura e funcionamento do sistema transnacional de comunicação, da informação internacional e

da tecnologia e informática, e, considerando o relatório da Unesco, aponta possibilidades de resistência, via, por exemplo, agências regionais de notícias. Estas reflexões foram reunidas no livro, *A Informação na Nova Ordem Internacional* (1976), também um marco das publicações latino-americanas.

Por outra trilha, os pesquisadores desembarcaram nos projetos de comunicação popular e alternativa. (3) Por todos os lados surgiam experiências de inversão dos usos dos meios. O cassete-fórum de Mario Kaplun no Uruguai, as rádios mineiras na Bolívia, a imprensa alternativa no Brasil, evidenciavam um outro acesso e uma nova possibilidade para os meios. A esquerda acadêmica em crise política e teórica, abraçou com entusiasmo esta "outra" comunicação, protagonizada pelas classes subalternas, buscando, através dela a possibilidade de se transformar no intelectual orgânico descrito por Gramsci que começava a substituir as referências à Frankfurt, ocorrendo, posteriormente, o mesmo fenômeno de esvaziamento da teoria pela apropriação superficial e mecanicista. A pesquisa-denúncia dos anos 70 foi sendo substituída pela pesquisa-ação nos anos 80, uma perspectiva não só comprometida como militante para o trabalho acadêmico.

Na sequência da denuncia em relação à comunicação transnacional e dominante havia, por um lado, alternativas de Políticas Nacionais de Comunicação, pensadas na luta por transformar o Estado, e, por outro, perspectivas de alteração desde políticas de comunicação populares. Projetos políticos mais que propostas teóricas, mobilizaram pesquisadores e frutificaram junto à sociedade.

Não há coincidência entre o surgimento da comunicação popular e o interesse acadêmico despertado por ela. Formas populares de expressão, de resistência e de contestação existiram desde sempre, assim como alternativas à cultura dominante. Mas é ao final dos anos 70, início dos 80, que estas formas são transformadas em objeto de estudo. Desde logo que não gratuitamente nem como mero fenômeno de moda, mas como resultado do contexto social. As lutas populares estavam sendo redimensionadas pelos grupos políticos e a atividade do receptor revista pelos estudiosos da comunicação. O receptor deixava de ser identificado com a massa amorfa e uniforme, passiva e manipulável, passando a ocupar o lugar do dominado - o trabalhador organizado, a feminista, o militante - cujas apropriações expressavam um receptor crítico.

A introdução do estudo da comunicação popular, alterou a pauta da teoria da comunicação: solicitou outras referências teóricas e metodológicas; propiciou um deslocamento do espaço universitário, (precisou ir aos bairros populares para pesquisar); deixou de lado a exclusividade de tratar de meios, canais e mensagens, para tratar da cultura. A incorporação do popular à teoria da comunicação propiciou rever a Comunicação de Massa, estudada em si, para pô-la em perspectiva, em relação.

Ao manejar a bibliografia latino-americana sobre a "outra" comunicação, constatamos que as designações popular e alternativa são usadas indiscriminadamente, porque são entendidas desde o objetivo de "buscar alterar o injusto, alterar o opressor, alterar a inércia histórica que traz dominações sufocantes". (Matta, 1983)

Ao final da década de 80, os estudiosos da comunicação estavam aptos a reconhecer a Comunicação Popular e Alternativa como um "dado" da realidade na América Latina, que não acontece "en el aire", mas em situação de dominação, além do mais não existe em estado "puro", mas, como qualquer outra manifestação cultural é uma prática ambigua, fragmentária, "contaminada". A pesquisa da Comunicação Popular e

Alternativa introduziu, também, uma preocupação com outras modalidades de fazer pesquisa. Eduardo Contreras Budge afirma: "é necessário que os métodos de estudo concordem com os objetos. Se o objeto são práticas comunicativas alternativas, também deverá buscar-se a congruência metodológica. Os métodos não são simples instrumentos, são pontos de vista, são cristalizações de enunciados teóricos." (Budge, 1984)

Daí surgir uma proposta de pesquisa ação, pesquisa participativa, pesquisa militante. Aliás, é este o caráter da pesquisa nos anos 80, a militância define desde a opção pelo objeto até a metodologia. Esgotada a pesquisa denúncia os estudiosos da comunicação foram a campo instrumentalizados pela pesquisa ação.

Barbero (1984) identifica no surgimento do interesse pelo estudo da comunicação popular não somente os limites do modelo hegemônico mas a pressão dos acontecimentos e processos sociais que foram transformando tanto a relevância social dos objetos-problema como os parâmetros desde os quais era possível pensar os novos objetos. O interesse pelo popular na pesquisa em comunicação, afirma o autor, surge a partir da valorização de setores críticos aos processos de democratização na América Latina. Valorização que se acha ligada ao conteúdo que o popular assumia: novas articulações e mediações da sociedade civil, sentido social dos conflitos para além das vinculações político partidárias, reconhecimento de experiências coletivas.

A década de 80, teve claramente identificadas duas linhas de pesquisa:

1) Políticas Públicas/Nacionais de Comunicação - reatualizando a questão da dependência e ampliando o tema com a questão da tecnologia e da democracia

2) Comunicação Popular e Alternativa - ampliando a noção de comunicação para além da Indústria Cultural.

Estes temas já anunciavam as questões que viriam pautar os rumos na década seguinte: a problemática da cultura e da recepção esclarecidas pela noção de mediação.

Chegamos assim aos anos 90, carregados de livros que nos ensinaram sobre os sistemas de comunicação e seu poder de manipulação ideológica, e outros que ensinaram a produzir as formas alternativas e populares de comunicação; na bagagem se confundem relatórios, projetos e cartas de intenção de intelectuais ativos e governantes, (NOII, Políticas Nacionais de Comunicação); com manuais de outros intelectuais, também engajados, para produzir um jornal alternativo, uma rádio clandestina ou um mural junto com o povo. Os dois caminhos andados são devedores da pesquisa realizada nos anos 60 e 70, o primeiro já se vislumbrava na preocupação por políticas públicas de comunicação desde o ININCO e, o segundo, encontrava-se nas análises do CEREN quando Mattelart sugeria a produção de quadrinhos alternativos aos dominantes personagens imperialistas. Poucos seguiram na perspectiva de aprofundar a teoria crítica já que esta foi sendo estigmatizada como elitista e obsoleta. Hoje encontramos um chavão acadêmico que identifica nestes estudos um pessimismo radical e paralizante.

Se até os anos 80, os contornos que demarcavam o campo da comunicação conservavam bastante nitidez pois se podia identificar com precisão, os estudos sobre a estrutura transnacional da comunicação, a comunicação participativa/ popular e a problemática das Políticas Públicas de Comunicação, no início dos anos 90, as fronteiras entre as linhas já não eram tão claras. A constatação da necessidade de revisões, críticas e assimilação de novos olhares foi a tônica do início da década: Diz Barbero:

"As rupturas marcadas conduzem a uma proposta básica: fazer passar o estudo da comunicação do espaço regido pelo conceito de sistema ou estrutura ao espaço que abre ao conceito de prática. (...) O que tentamos propor é que enquanto a comunicação seguir sendo pensada como algo superestrutural não haverá forma de romper com o espaço da estrutura e do sistema e portanto não será possível conceber sua inserção multidimensional e plurideterminada no modo de produção, nem muito menos em uma formação social concreta. Enquanto um conceito de prática que entenda este como o lugar da contradição sujeito/objeto, matéria/sentido e cuja tipologia não vem dada pelos produtos, mas pelos trabalhos, pelas diferentes produções, aí sim se possibilita esta inserção." (Barbero,1984)

Abrir a comunicação a este desafio pressupõe trazer aportes de outros campos, de outras disciplinas. Em outro texto, Barbero, afirmava que nos achávamos em um processo de construção de um novo modelo de análise que coloca a cultura como mediação social e teórica da comunicação com o popular, com a vida cotidiana, com os meios. E que seria desta convergência de preocupações que a pesquisa em comunicação na América Latina, receberia seu "tonus" caracterizador. Ele sugeria que se começasse a estudar:

- a) o ambíguo processo de gestação do massivo a partir do popular;
 - b) os modos de presença/ausência, de afirmação/negação, de confisco e de deformação da memória popular nos atuais processos de "massmediación";
 - c) os usos populares do massivo, tanto da assimilação quanto da ressemantização.
- (1983)

Este caminho proposto por Barbero foi realizado por muitos pesquisadores na América Latina: por ele mesmo, por Nestor Garcia Canclini, por Jorge Gonzalez.

Ao mesmo tempo que as demarcações rígidas se diluíam entre as linhas de pesquisa, olhos menos ideologizados observavam os fenômenos ligados à comunicação e uma nova perspectiva se afirmava entre os pesquisadores: tratar a comunicação no cenário da cultura, que na América Latina encontra eco na sua formação híbrida, que propicia múltiplas mediações na recepção das mensagens. Neste enunciado estão postas as palavras chave que nomeiam as preocupações que dão a identidade da pesquisa nos anos 90.

Barbero e Mattelart costuram o passado com o presente dando sentido a história da comunicação na América Latina, pois, fazendo sistemáticas avaliações, em que incluem autocríticas, permitem rever, atualizar e criar conceitos com a intenção de dar conta da complexidade do fenômeno que nos cabe compreender.

A revisão que Armand e Michele Mattelart realizaram sobre seu trabalho, aponta para a demarcação atual do campo. Em uma entrevista realizada por Mário Kaplun, cujo título é Los Mattelart hoy: entre la continuidad y la ruptura, encontramos esta afirmação:

"O que mudou em nossa trajetória nestes últimos quinze anos é que finalmente aprendemos que a classe não resolve tudo. Nem contém tudo. Junto à problemática de classe há outros interesses. E este é o aporte, o ensinamento dos chamados movimentos sociais, o movimento feminino, o ecológico, dos direitos humanos. (...) Diria que o novo está na incorporação do receptor como pólo gravitante, ao que se reconhece por fim uma espécie de liberdade de leitura das mensagens que consome; uma possibilidade de

apropriar-se destes produtos. E é muito importante sublinhar esta mudança, esta nova capacidade de entender o processo bipolar da comunicação, que vem romper com o modelo linear de pensamento que antes se o abordava."

Há consenso entre os estudiosos da comunicação de que a pesquisa de recepção trouxe novas perspectivas para o campo de estudo, não só por superar as limitações impostas pelas pesquisas de efeito, de audiências, de usos e gratificações, como por propiciar a compreensão de todo o processo. "Toda a problemática do mal falado receptor está sendo repensada radicalmente".(Barbero,1980,104) Existiria a cumplicidade dos receptores na dominação, mas também nas formas de resistência afirma o autor, ainda que reconhece, em outros momentos a relatividade da resistência. Neste texto, Barbero incorpora os aportes da Escola de Birmingham,(4) como Canclini faz em *As Culturas Populares no Capitalismo* (1982). No México a pesquisa de recepção tem bom desenvolvimento principalmente na relação com a educação, trabalhada por Guillermo Orozco. (1987,88,89)

As categorias com as quais ingressamos nos anos 90, não são mais nem a de ideologia nem a de dependência, ainda que estas tenham sido incorporadas ao discurso como um todo, mas a de mediação e de hibridização que permite repensar a relação do popular com o massivo, da comunicação com os movimentos sociais, do receptor com o meio, todas "mediadas" pelas estruturas sócio-culturais.

Os grandes temas de pesquisa dos anos 90, são:

- 1 - Novas Tecnologias/ Novas Sociabilidades
- 2 - Consumo Cultural
- 3 - Mídia e Política

Nestes temas segue presente a questão do lugar do Estado na configuração do mundo da comunicação, que, na verdade, perpassou todas as etapas do discurso acadêmico. Nos anos 90 ela se atualizou através da problemática da globalização e da mundialização. Como diz Octávio Ianni: "Na medida em que o capitalismo continua a processar a globalização do mundo, emergem relações, processos e estruturas próprias desse mundo. Este é um aspecto fundamental da grande transformação que se acha em curso no mundo contemporâneo: o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo continua a alcançar, absorver e reabsorver os mais diversos espaços, modos de vida, trabalho e cultura."(1995,p.147)

Se as razões de fundo que orientaram a denuncia dos modos de atuação da comunicação na América Latina, permanecem integralmente, o modelo da denuncia acadêmica ficou fora de lugar. Por outro lado, também os dois caminhos subsequentes se perderam: as ilusões do Estado capaz de transformar a vida cotidiana com a aquiescência de organismos internacionais, como a ONU e a UNESCO já foram enterradas e a comunicação popular e alternativa capaz de se contrapor com êxito à Indústria Cultural, também já não pertence a agenda temática da área.

A nova década inicia com os intelectuais perplexos frente aos desdobramentos da comunicação em todas as instâncias da vida social, legitimando o campo de estudo da comunicação, como um campo interdisciplinar no interior das Ciências Sociais. Como campo de estudo já tem legitimidade institucional: associações latinoamericanas e

nacionais fazem circular através de Seminários e Congressos, resultados de pesquisas e novos problemas.

NOTAS

- 1) Alicia Entel escreveu um livro sobre a escola de Frankfurt em que, no capítulo dedicado a sua influência na América Latina, a Venezuela é reconhecida como um dos centros mais expressivos.
- 2) O relatório foi publicado em livro - Um Mundo e Muitas Vozes, e publicado no Brasil pela Fundação Getúlio Vargas em conjunto com a Unesco. 1985
- 3) Na América Latina este é um tema fartamente tratado, principalmente através de artigos. Máximo Grinberg escreveu um dos primeiros livros A Comunicação Alternativa na América Latina, situando o tema. São referências importantes: Maria Cristina Mata, Alfredo Paiva, Rosa Maria Alfaro, Patrícia Anzola.
- 4) Os Cultural Studies ingressaram na América Latina onde já se desenvolvia uma pesquisa de resgate da cultura popular e uma crítica a divisão elitista entre alta e baixa cultura. Barbero e Canclini incorporam aportes evidentes de Williams e Hall, para traçar um panorama das Culturas Híbridas, mas, também, na Argentina, principalmente através da revista Punto de Vista esta escola se tornou conhecida.

BIBLIOGRAFIA

- * Aguirre, Jesus Maria. De la Práctica Periodística a la Investigación Comunicacional. Fondo de Publicaciones Fundación Polar-UCAB. Caracas, 1996.
- * Barbero, Jesus Martin. Panorama bibliográfico de la investigación latinoamericana en comunicación. Telos, n.19, Madrid.1989
- * Retos a la investigación de Comunicación en América Latina. Revista Univalle. n.8 , Colombia, 1981
- * Comunicación y Culturas Urbanas. Proyecto de trabajo para año sabático. Cali, 1984

- * Barrios, Leoncio. La Formación de Investigadores de la Comunicación Social. Mimeo. UCV. Caracas. 1978
- * Beltrán, Luis Ramiro; Cardona, Elizabeth Fox. Comunicação Dominada. Paz e Terra. Rio de Janeiro.1982
- * Premisas, objetos y métodos foráneos en la investigación sobre comunicación en America Latina. In Moragás , Sociología de la comunicación de masas I, Gustavo Gili, Barcelona.1985
- * Estado y Perspectiva de la Investigación en Comunicación Social en America Latina. Memorias de la Semana de la Comunicación. Pontificia Universidad Javeriana de la Facultad de Comunicación Social. Bogotá, 1981
- * Bisbal, Marcelino. La Mirada Comunicacional. Alfadil Ediciones, Caracas, 1994
- * Bisbal, Marcelino. La Ideología como Mensaje y Masaje. Monte Avila Editores. Carcas, 1980.

- * Freire, Paulo. Extensão ou Comunicação. Paz e Terra. São Paulo. 1969
- * Fuentes Navarro, Raul. Um campo cargado de futuro.El estudio de la comunicación en America Latina. Felafacs, México, 1992
- * Grinberg, Máximo. A Comunicação Alternativa na América Latina. Vozes. Petrópolis. 1982
- * Ianni, Octávio. Teorias da Globalização. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1995
- * Mata, Maria Cristina. Investigar lo alternativo. In Pellin. J.M. Comunicación,n30-31.Centro de Comunicación Social. Venezuela.1980
- * Matta, Fernando Reyes (org.) Comunicación y Busquedas Democraticas. ILET. México.1983
- * Matta, Fernando Reyes. A Informação na Nova Ordem Internacional. Paz e Terra. São Paulo.1980
- * Mattelart, Armand e Dorfmann, Ariel. Para leer el Pato Donald. SigloXXI . Buenos Aires.1973
- *Mattelart, Armand. Comunicación e Ideologia de la Seguridad. Cuadernos Anagrama.Barcelona. 1978
- * Mattelart, Armand. Comunicacion y Nueva Hegemonia. Celadec. Lima.1981
- * Mattelart, Armand. La Comunicacion Masiva en el Proceso de Liberación. Siglo Veintiuno. Buenos Aires. 1973
- * Entrevista com Mattelart. Causas y Azares. Ano III, numero 4, Buenos Aires, invierno de 1996
- * Orozco, G. Guillermo. Televisión y producción de significados. Serie Comunicación y Sociedad, Universidade de Guadalajara. México, 1987
- * . El niño como televidente no nace, se hace. Trillas. México, 1989
- * Silva, Ludovico. Teoria y Practica de la Ideologia. Editorial Nuestro Tiempo.México, 1971
- * . La Plusvalia Ideológica. Universidad Central de Venezuela. Caracas, 1970
- * Verón, Eliseo. A Produção de Sentido. Cultrix. São Paulo. 1980
- * Verón, Eliseo. Ideologia, Estrutura e Comunicação. Cultrix. São Paulo.1968
- * Entel, Alicia. Escuela de Frankfurt - razón,arte y libertad, Eudeba, Buenos Aires, 1999
- * Fox, Elizabeth. Medios de comunicación y política en América Latina. Gustavo Gili, Barcelona, 1989
- * Muraro, Heriberto. Neocapitalismo y comunicación de masas, Eudeba, Buenos Aires, 1974
- * Muraro, Heriberto. Invasión cultural, economia y comunicación. Legase. Buenos Aires, 1985
- * Schmucler, Hector. La investigación en Comunicación Masiva. Comunicación y cultura, n 4, Buenos Aires, 1975
- * Canclini, Nestor. Los estudios sobre comunicación y consumo. Dialogos n 30
- * . Culturas Híbridas.
- * . Consumidores e Cidadãos. Editora da UFRJ, Rio de Janeiro, 1995
- * Santos, Milton. O recomeço da História., in Caderno Mais. Folha de São Paulo, 9 de janeiro de 2000
- * Schiller, Herbert. O Império norte-americano das Comunicações. Vozes. Petropólis, 1976

